

Luanda sitiada

O dramático cerco à capital angolana, a mobilização da população para garantir a independência arduamente conquistada e a incorporação dos cubanos à frente de combate, momentos marcantes de uma data histórica para a África



11 de novembro de 1975: milhares de pessoas se reúnem em Luanda para acompanhar a declaração de independência



Neiva Moreira

(...) Às vésperas da data marcada para a independência, dia 11 de novembro de 1975, a situação militar era muito delicada para o MPLA. As forças conjuntas do Zaire e da FNLA haviam rompido a linha de Kifangondo, uma represa próxima, que abastecia Luanda de água. Sua linha de frente já estava a apenas 15 ou 20 km da capital. Ao sul, as forças da África do Sul haviam ocupado o porto de Novo Redondo. Sua vanguarda atingia pontos a 80 e 100 km da capital.

Ao chegarmos ao aeroporto de Luanda, sentimos que o ambiente entre os angolanos partidários do MPLA era de confiança em que o inimigo não passaria. Mas, no Hotel Continental, onde nos hospedávamos, o clima era muito diferente. Lá estava a maior parte dos jornalistas que se encontravam em Luanda, quase todos de países ocidentais, que não iam cobrir a independência, mas a entrada dos sul-

africanos e zairenses na sitiada capital. O “disse-me-disse” deixava todos com os nervos à flor da pele.

Em meio a uma tensão que se manifestava em tudo, Luanda se preparava para a festa. O diretor da televisão, Luandino Vieira, nos dizia que naqueles dias só havia dois ruídos: o das marteladas dos portugueses, que empacotavam em grandes caixotes de madeira tudo que podiam, e o repicar das metralhadoras.

Na noite do dia 9 visitamos com uma autoridade do governo os arredores de Luanda, os *musseques* (favelas), extraordinários bastiões do MPLA. Por todos os lados havia patrulhas de *pioneiros*, garotos entre 9 e 15 anos que vinham participando intensamente da luta de libertação. Sempre nos revisavam de forma rigorosa e tinham para nós a mesma resposta à pergunta sobre qual seria o final daquela batalha: “Vamos repeli-los, companheiro, eles não passarão.”

Havia reuniões em cada esquina. O povo se organizava para o dia seguinte e para a resistência. Havia rumores de que áreas decisivas de Luanda estariam minadas. A cidade só seria entregue em ruínas.

AS GRANDES REPORTAGENS

O papel dos pioneiros – A participação dos *pioneiros* na guerra foi objeto de controvérsia, sobretudo na Europa, onde se criticou o MPLA por isso. Os críticos desconhecem o caráter total que teve a luta em Angola e o espírito que anima essas crianças. Já na batalha pelo controle de Luanda, no primeiro semestre do ano, eles haviam tido um papel decisivo conduzindo os guerrilheiros, que desconheciam a cidade, por avenidas e ruelas, e colocando-os em pontos estratégicos. Centenas desses meninos foram atingidos pelas balas na batalha de Luanda ou mesmo fuzilados pela FNLA. Os que encontramos na inesquecível noite da véspera da independência eram os continuadores daquela epopéia que, por séculos, historiadores e poetas exaltarão.

De madrugada, no hotel, a tensão chegava ao auge. Da praia se ouviam os disparos de artilharia e circulavam notícias alarmantes. Era evidente que uma parte daqueles “jornalistas” ocidentais sabia muito bem que estava alimentando falsos rumores.

Na manhã do dia 10 de novembro, os jornalistas foram chamados ao Palácio de Governo para um comunicado importante. O almirante Leonel Cardoso, último Alto Comissário português em Angola, leu um discurso solene anunciando o fim da dominação de Portugal em sua antiga colônia. Não houve aplausos, nem perguntas.

Horas depois, aumentou o suspense em Luanda com o ruído de tanques e de helicópteros. Alar-me falso: não eram os inimigos entrando na cidade, mas sim os portugueses que se dirigiam para uma praia de onde embarcariam definitivamente para Lisboa.

A poucos metros de distância, montados em um caminhão militar, com a esbelta silhueta recortada contra o sol que se punha, combatentes das Fapla aguardavam para ocupar as últimas posições portuguesas na África. Um momento emocionante. Cinco séculos de presença lusitana na África estavam se extinguindo.

No final da tarde, visitamos o Hospital Militar. O número de médicos ali era reduzidíssimo e excepcional

o esforço para atender os doentes. Não havia remédios. Os recursos materiais eram mínimos, muitos aparelhos haviam sido sabotados e era incessante o fluxo de jovens feridos. Muitos combatentes pressionavam os médicos para retornar à frente de combate.

Mais tarde, nos cruzamos na porta do Palácio de Governo com o primeiro-ministro Lopo do Nascimento.

– Entram?

– Não, não entrarão – respondeu Lopo, com segurança.

Algo diferente no ar – Desde a tarde, o ambiente no Ministério de Informação era diferente. Havia discretos rumores de que algo diferente estava ocorrendo na frente. Os combates eram violentíssimos e se escutavam do lado do MPLA muito mais disparos. Um rapaz da milícia nos contou que, segundo um amigo dele que havia retornado ferido do combate, sabia-se da existência de peças de artilharia de fabricação soviética, as *katiyuska*.

Os rumores foram se intensificando. Um jornalista que visitou um hospital de campanha soube que alguns feridos diziam “gracias”, em vez de “obrigado”.

Numa roda de jornalistas se especulava sobre a nacionalidade desses combatentes e, em geral, se admitia que eram voluntários da Guiné-Equatorial (país onde se fala espanhol), mas nenhum dos presentes mencionou a hipótese de serem cubanos. Mas eram.

Às 20 h – faltando quatro para a proclamação da independência – os funcionários do hotel desapareceram. Estaria o inimigo entrando na cidade? Nada disso. Era a televisão que estava sendo inaugurada. E estreava com temas explosivos: uma transmissão da reunião de Maputo, capital de Moçambique, e uma gravação ao vivo das frentes de combate.

Em Maputo (então chamada Lourenço Marques), estavam se reunindo os líderes das novas repúblicas de idioma português, para formalizar o reconhecimento oficial de seus Estados à República Popular de Angola e ao MPLA, como único e legítimo governo.



Agostinho Neto: luta sem pausa pela causa da independência

AS GRANDES REPORTAGENS

As Fapla conseguiram, com a ajuda de tropas cubanas, repelir a invasão do país



Em meio à cerimônia, o presidente moçambicano Samora Machel tomou pelo braço Agostinho Neto e desfilou perante as câmaras, e conseqüentemente perante o povo de Luanda, demonstrando com seu gesto o simbolismo da grande aliança.

Foi um momento de extraordinário entusiasmo, que culminaria pouco depois quando se viram na televisão os grandes canhões das Fapla disparando quase à queima-roupa contra o inimigo, em meio a um duro ataque em plena selva, em uma audaciosa reportagem da Rádio-TV angolana.

— Você escutou? — me perguntava um correspondente europeu, que sempre se encarregava de espalhar os últimos rumores sobre a guerra.

— O quê?

— Olha... eu não escutei, mas me disseram que quando um artilheiro mandou disparar, ele gritou *fuego*.

— E daí?

— Eram cubanos, você não acha?

Na verdade, naquele programa não tínhamos escutado a palavra *fuego*, mas o boato se espalhou pela cidade. "Se são os cubanos, isso significa que não estão apenas lutando, mas também que trouxeram armas para as Fapla, o que muda completamente a correlação de forças", nos dizia com esperança uma jovem colega da rádio de Luanda.

Independência e tiros no céu — De noite, na imensa multidão que aguardava o discurso do presidente Agostinho Neto, era evidente a tensão.

Esperava-se a cada momento o bombardeio do Zaire. Holden Roberto, líder da FNLA, e Jonas Savimbi, chefe da Unita, tinham anunciado que entrariam em Luanda naquela noite.

A tensão chegou ao auge quando, minutos antes

que o presidente Neto proclamasse a independência, começou um imenso tiroteio que às vezes não deixava ouvir suas palavras. Uma cortina de balas formava uma espécie de "guarda-chuva" protetor, sob o qual aquele homem simples e firme — poeta, médico e revolucionário sem um dia de pausa na luta libertadora — fazia o anúncio solene que todos esperavam, em meio ao clamor das massas populares.

Mais tarde se soube que aquelas não eram balas de salva, nem uma irrupção de entusiasmo, como em Moçambique no dia da independência, mas uma cortina de fogo antiaérea, destinada aos aviões do Zaire, no caso de que tentassem sobrevoar a praça.

O presidente zaireense, Mobutu Sese Seko, não mandou sua aviação, mas a repercussão dos tiros foi muito mais além da praça e de Angola mesmo. Um avião português que se aproximava de Luanda, com delegados de partidos populares e progressistas convidados para a festa da independência, não aterrissou, depois de receber uma ordem confusa segundo a qual Luanda estaria sendo bombardeada. Só em Lisboa souberam que as balas eram para os inimigos e não para os amigos.

Mas o clima festivo não fez o povo esquecer que a guerra estava às portas de Luanda. Os combatentes que desfilavam sob um aplauso unânime, e também com as lágrimas de milhares de mães, irmãos e filhos dos que tinham caído em combate, mostravam nas botas a lama da represa de Kifangondo e nas duras fisionomias a tensão de um momento decisivo.

Mas Luanda estava a salvo. E com isso, se consolidava a independência de Angola e da África. O mundo progressista ganhava um aliado de extraordinário valor político, ideológico e estratégico, no ponto crucial da linha de frente de uma África Austral na qual se trava a última batalha da libertação do continente negro. ■